



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS (CCH)
CURSO DE MÚSICA LICENCIATURA PLENA**

ANTONIO DE JESUS OLIVEIRA SILVA FILHO

**MÚSICA E SOCIEDADE: REFLEXÃO SOBRE A RELAÇÃO DA
MÚSICA COM A PRECOCE EROTIZAÇÃO INFANTIL**

São Luís
2019

Antonio de Jesus Oliveira Silva Filho

**MÚSICA E SOCIEDADE: REFLEXÃO SOBRE A RELAÇÃO DA
MÚSICA COM A PRECOCE EROTIZAÇÃO INFANTIL**

Trabalho de conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Música – Licenciatura, da
Universidade Federal do Maranhão como
requisito para a obtenção do grau de
Licenciado em Música.

Orientador: Prof. Dr. Marco Aurélio Aparecido
da Silva.

São Luís
2019

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo (a) autor (a).
Núcleo Integrado de Bibliotecas/UFMA

Silva Filho, Antonio de Jesus Oliveira.

Música e sociedade: reflexão sobre a relação da música com a precoce erotização infantil: um relato de experiência / Antonio de Jesus Oliveira Silva Filho. - 2019.
33 f.

Orientador (a): Marco Aurélio Aparecido da Silva. - Curso de Música, Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2019.

1.Criança. 2. Erotização. 3. Indústria cultural 4. Música. I. Aparecido da Silva, Marco Aurélio. II. Título.

TERMO DE APROVAÇÃO

ANTONIO DE JESUS OLIVEIRA SILVA FILHO

MÚSICA E SOCIEDADE: REFLEXÃO SOBRE A RELAÇÃO DA MÚSICA COM A PRECOCE EROTIZAÇÃO INFANTIL

Artigo científico apresentado como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em Música na Universidade Federal do Maranhão.

São Luís, / / 2019.

Banca Examinadora

Prof. Dr. Marco Aurélio Aparecido da Silva (Orientador)
Universidade Federal do Maranhão – UFMA

Prof. Dr. Alberto Pedrosa Dantas Filho (1º examinador)
Universidade Federal do Maranhão - UFMA

Prof. Dr. Antônio Francisco de Sales Padilha (2º examinador)
Universidade Federal do Maranhão - UFMA

São Luís

2019

A pequena Ana Beatriz Costa Araújo hoje com sete
aninhos minha sobrinha para que no futuro possa
desfrutar com alegria a leitura deste trabalho.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus que com sua luz iluminou meu caminho nesta caminhada.

A todos os professores que me proporcionaram o amor ao conhecimento e reconhecer que é possível expressá-lo no labor diário do magistério, cuja presença foi significativa na minha formação acadêmica.

Ao meu orientador Marco Aurélio por sua valiosa competência profissional logrou, que este trabalho fosse concluído com o êxito esperado.

As minhas irmãs e sobrinha, que nos momentos de minha ausência dedicada ao estudo superior, sempre fizeram entender que o conhecimento é necessário.

Em especial aos meus pais, a quem devo muito a minha eterna gratidão, por terem me incentivado, proporcionado a minha educação e por todas as oportunidades.

Meu carinho especial a minha avó materna Josefa da Costa (in memoriam) pelo seu, amor e ingenuidade, me fazem muita falta e seu sofrimento me serviu de incentivo para superar muitas dificuldades, e por tudo o que ela representou na minha vida.

Meu respeito, admiração e afeto aos meus avós Mábio da Silva (in memoriam); Florêncio Alves da Costa (in memoriam) e Izaura Oliveira Tavares Silva por suas orações e conselhos.

Ao meu saudoso padrinho Pe. Ismael Matielo (in memoriam) por ter me proporcionado a partir de seu testemunho que a alegria é uma força transformadora.

Aos meus amigos de labuta na seara musical, Domingos Nélio, Endro Fadell Roberto Froz e Ivan Veras pelas conversas enriquecedoras e incentivo permanente.

Agradecimento especial a Hélio de Oliveira Costa, pelo apoio constante e contribuição valorosa.

Aos amigos da universidade Marcelo Ferreira Garcia; Miquéias Barros Aragão; Ciron Cruz; Helga Silva Fontenelle, pelo espírito de camaradagem e amizade compartilhada ao longo do curso. Finalmente, a todos que direta ou indiretamente contribuíram para a realização deste trabalho, meu muito obrigado.

RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso, no formato artigo, tem como objetivo refletir sobre a possível influência de músicas com conteúdos eróticos no processo do desenvolvimento infantil. Buscamos refletir sobre o processo de erotização na infância mediada pela indústria cultural. Destacamos como problema de pesquisa, “como as músicas midiáticas podem promover a erotização infantil”. O aporte metodológico adotado foi de pesquisa bibliográfica com abordagem qualitativa, fundamentada em fontes de referência, documentos sobre a criança e autores que versam sobre o tema, educação sexual. Concluímos que, o repertório que obedece aos ditames da indústria cultural contribui sobremaneira para a precoce erotização infantil, cuja hipótese afirmou que as músicas midiáticas, que reproduzem sensualismo, podem estimular a criança a determinados comportamentos erotizados.

Palavras-chaves: indústria cultural, música, criança, erotização.

ABSTRACT

This paper, in the format of article, aims to reflect on the possible influence of songs with erotic content in the process of child development. We seek to reflect on the process of eroticization in childhood mediated by the cultural industry. We highlight as a research problem, “how media music can promote child eroticization”. The methodological approach adopted was a bibliographic research with a qualitative approach, based on reference sources, documents about the child and authors on the subject of sexual education. We conclude that the repertoire that obeys the dictates of the cultural industry contributes greatly to the early eroticization of children, whose hypothesis stated that media music, which reproduces sensualism, can stimulate the child to certain erotic behaviors Descriptors: cultural industry, music, child, eroticization.

Keywords: cultural industry, music, children, eroticization.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	09
2 MÚSICA E SOCIEDADE.....	10
2.1 Indústria Cultural – conceito	12
2.2 Relação entre indústria cultural e a produção musical atual	15
3 EDUCAÇÃO E O DESENVOLVIMENTO INFANTIL	18
3.1 A precoce erotização infantil.....	21
3.2 O que diz a lei.....	24
3.3 PCNS - O que orientam os parâmetros curriculares.....	27
4 EDUCAÇÃO MUSICAL E A FORMAÇÃO DO OUVINTE	28
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	31
6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	32

1 INTRODUÇÃO

A influência dos novos meios de comunicação de massa, o desenvolvimento das novas tecnologias influenciou sobremaneira o modo de ser criança na sociedade contemporânea. Dessa forma, configura-se então, uma nova infância em que o mundo do adulto se insiste em sobrepor ao universo da criança e do adolescente tornando-os propícios a contextos erotizados.

A temática deste artigo científico consiste em tecer uma breve reflexão sobre a música e o contexto social, na perspectiva da erotização precoce de crianças, problematizando os possíveis efeitos das estratégias do mercado sobre a influência das músicas com conteúdos eróticos no processo do desenvolvimento infantil.

Percebemos que nas últimas décadas os meios de comunicação de massa têm popularizado determinados conteúdos erotizantes facilitando o acesso do público infantojuvenil. Com efeito, as crianças no meio social tendem a consumir os bens culturais produzidos pela indústria cultural tornando-se propensas consumidoras desses artefatos culturais.

Seguindo por este caminho, como problema de pesquisa buscamos entender, se a música em relação ao meio social no panorama atual pode efetivamente influenciar o desenvolvimento infantil conduzindo a criança a um possível comportamento precocemente erotizado. Antecipadamente compreendemos como hipótese a seguinte afirmativa: as músicas midiáticas que reproduzem sensualismo podem estimular nas crianças e adolescentes um comportamento sensualizado. Percebe-se que na modernidade os novos meios de comunicação, tendem a influenciá-las ao consumo de uma demanda musical e cultural descontextualizada de seu período de desenvolvimento, desta forma, ambas se vêm cada vez mais cedo a adentrar no mundo simbólico do adulto.

Logo o objetivo geral busca refletir sobre o processo de erotização na infância mediada pela indústria cultural. Entendendo que, os objetivos específicos, anteriormente constantes no projeto de pesquisa, aqui se apresentam como categorias de análise, buscou-se compreender a música na sociedade e o conceito de indústria cultural para analisar a relação entre indústria cultural e a produção musical atual. Em seguida prosseguimos em argumentar sobre a educação e desenvolvimento infantil indagando sobre a precocidade da erotização na infância. Ao final, salientamos os principais fundamentos jurídicos em

relação à proteção da criança e refletir sobre a importância da educação musical e a formação do ouvinte.

2 MÚSICA E SOCIEDADE.

A música é uma linguagem que ultrapassa seus limites em uma forma particular de transmitir emoções sem palavras. Ela está presente na vida humana de forma singular em todas as culturas e sociedades. Na contemporaneidade a música passa por novas e profundas transformações, que alinhadas às mudanças ocorridas no último século trouxeram consigo um novo modo de ser criança na sociedade moderna. A influência dos novos meios de comunicação e o desenvolvimento de novas tecnologias influenciaram a experiência musical na vida contemporânea.

Segundo Harnoncourt (1998) a experiência musical passa por profundas transformações na modernidade. Essas modificações se aceleraram profundamente nos últimos dois séculos. Segundo o autor, no passado, a música ocupava um papel significativo na sociedade na perspectiva da própria formação humana de maneira integral, transformando não somente o músico, mas o ouvinte também. Atualmente, entretanto, ela tende a ocupar um relativo espaço na existência humana moderna, constituindo-se como simples ornamento, na expectativa de preencher aspectos superficiais da vida emocional dos indivíduos.

Seguindo este entendimento, há uma dificuldade na modernidade de fazer-se sentir uma experiência estética profunda na vida humana. A profusão da oferta cultural disponível através dos meios de comunicação a todo momento tem intensificado este fenômeno. Com efeito, neste ponto de vista, a relação do indivíduo com a música passa a tornar-se uma contingência, sem gerar grandes expectativas, determinada em grande parte pelos hits do momento, dificultando uma relação mais ampla e significativa com a experiência musical. Nesse sentido, Sekeff (2007, p. 65) colabora para esse entendimento quando afirma que “A emoção estética tem características próprias que a distinguem de um puro estado adrenalínico. É um sentimento refinado, opondo-se àquela orgia de emoções que acompanha os neófitos em música”.

A experiência estética se difere substancialmente daquilo que entendemos por um estado emocional geral. Ela é apreendida, refinada e organizada, isto é, a experiência estética se fundamenta na sensibilidade e na disposição do indivíduo frente ao objeto artístico. A contemporaneidade tem contribuído para esse arrefecimento dessa experiência na vida humana. A constatação da realidade moderna colaborou para minimizar a vida

espiritual e intelectual do homem contemporâneo. Nesse horizonte seu único desiderato consiste apenas em desejar, a partir de uma perspectiva exclusivamente consumista, favorecendo a lógica do mercado.

Os avanços tecnológicos possibilitaram maior inserção da música na vida diária das pessoas, modificando significativamente a relação do homem com a mesma. Com a utilização dos novos meios de comunicação que se popularizaram atrelado ao intenso marketing publicitário, a música torna-se um elemento agregador, capitalizando a experiência musical para formar uma nova demanda de ouvintes. Nesse contexto, a difusão da música através do progresso tecnológico ocasionou o acesso da mesma a todas as camadas sociais. No entanto, a difusão da música em todos os ambientes de forma intensiva e democrática não tem proporcionado uma experiência estética significativa.

Por conta disso Schafer (2011) adverte para a configuração da paisagem sonora na sociedade que no decorrer da história sofreu várias mudanças passando a afetar nosso comportamento. Com o desenvolvimento das novas tecnologias, o número de sons se multiplicou. O grande número de sonoridades é perceptível nas cidades modernas com o propósito de atrair as pessoas para o consumo. Como se pode ver, uma variedade deles surge superpovoando a realidade contemporânea provocando uma poluição sonora deliberada, ocasionando a extinção daqueles assim naturais, reconhecíveis no mundo na natureza.

A contribuição do autor nos alerta para a crise que a sociedade vive, em que o mundo moderno se encontra repleto de barulho e agitação. Percebemos que há uma opção deliberada pelos sons excessivos, nas festas, nas ruas em todos os ambientes. O aumento exagerado dos decibéis tem provocado agressividade e violência. Atualmente por conta das transformações que ocorreram nas novas tecnologias, os parâmetros sonoros se encontraram mais evidentes e se comunicam cada vez mais cedo com as crianças. Dessa forma, neste novo contexto, a música tende a manifestar novas emoções, suscitando um elenco de sentimentos repercutindo diretamente em cada indivíduo e na sociedade.

No bojo dessas novas transformações, se evidenciam na sociedade atual uma crescente demanda ostensiva por músicas que suscitam prazer erótico. Percebemos um fenômeno de erotização que ocorre no mundo todo. A demanda por sexo fruto da liberdade sexual se maximizou ao longo do século XX.

Hoje, o prazer sexual não é só permitido, mas ordenado, você tem que gozar! Daí as expressões, hoje não raras, como; curta seu amor, beije o

quanto puder, goze de todas as maneiras, aproveite todas as ocasiões. Deixar escapar uma oportunidade de gozo, é quase uma culpa: que pena! Deveria ter aproveitado. O prazer tornou-se um imperativo tirânico (BOFF, 2014, p. 245).

A relação da música com a sociedade atual, é profundamente mediada pela indústria cultural que imprime certos estereótipos se estabelecendo através de uma cultura de massa. As crianças nesse contexto, estão sendo reinventadas a partir do consumo de músicas com conteúdos eróticos. Nesse cenário, segundo Adorno (2002, p.10), “O mundo inteiro é forçado a passar pelo crivo da indústria cultural”. Para o autor, os sujeitos são precisamente adaptados aos produtos culturais que imprimem aos indivíduos uma perspectiva cultural de consumidores permanentes.

A partir desta constatação desde muito cedo, crianças e adolescentes motivadas pelo consumo de músicas com conteúdos adultos que tratam de temas relacionados a sexo, traição, violência, álcool, estabelecem modelos de comportamentos e aspectos emocionais que sugerem uma infância erotizada. Os produtos culturais sistematizados pela indústria na modernidade forjam a rigor as expectativas de um ideal imaginário de desejo para o consumo das massas em todas as idades. As crianças neste contexto de crise da modernidade, estão cada vez mais sujeitas e vulneráveis ao apelo e consumo deliberado, proporcionado a pela indústria cultural.

2.1 Indústria Cultural - conceito.

O conceito de indústria cultural, foi originalmente construído pelos Frankfurtianos Max Horkheimer e Theodor Adorno na primeira metade do século XX. Esse conceito se sustenta a partir da teoria crítica - núcleo central da corrente filosófica da escola de Frankfurt - que visa a reflexão crítica aos processos da organização e valores do capitalismo moderno.

Os teóricos desta escola têm como característica fundamental o pensamento marxista nas relações entre o homem e a sociedade. Nessa perspectiva, os estudos de Adorno e Horkheimer em relação à indústria cultural tem como ênfase a reflexão de como os bens culturais apropriados pelo capitalismo tornarem-se um instrumento de dominação e manipulação das massas.

França (2017) compreende a indústria cultural como um segmento do processo industrial que subordinado ao poder do capital, constrói um sistema que se articula em função dos processos de produção, distribuição e venda de produtos e bens culturais. Esses

produtos provenientes da indústria cultural caracterizam-se por atender as demandas gerais da sociedade, adaptados ao consumo das massas. Dessa maneira, a produção não existe para atender necessidades específicas daqueles que consomem, mas em razão do propósito da ideologia dominante que sustenta a lógica da dominação centralizada no poder do capital.

O conceito de indústria cultural na ótica capitalista, serve para designar as produções sistematizadas dos bens culturais, desenvolvendo produtos para satisfazer de forma ilusória necessidades geradas pela estrutura de mercado. As pessoas nesse contexto, são constantemente enganadas a consumir aquilo que supostamente precisam. Esses produtos difundidos pelos meios de comunicação passam a convicção que realmente são necessários e importantes.

Mais uma vez acrescentando, este conceito serve para explicitar a exploração sistemática dos bens culturais com única finalidade, o lucro financeiro. Nesse contexto, estão inseridos todos os veículos de comunicação de massa, com o propósito de atingir os hábitos de consumo remodelando a sociedade em sua totalidade. Portanto, entende-se que a indústria cultural é “(...) um subsistema introjetado no capitalismo, instrumentaliza os veículos de comunicação de massas, para fabricar e manipular as necessidades e desejos dos indivíduos, levando a cabo sua intenção de lucro e manutenção do status quo” (FRANÇA, 2017, p.129).

Ao examinar o contexto social da época, Adorno (1985) defende que o capitalismo se apropria da razão para torná-la um instrumento de dominação na sociedade chamando esse processo de razão instrumental. Ele mostra que todo tipo de dominação sobre a natureza e do ser humano visa conquistar lucro e poder. A razão instrumental a serviço do capitalismo impõe um pensamento de dominação, que visa exclusivamente como reprodutora de fins fazendo-a regredir a barbárie como se pode constatar através dos regimes totalitários. Faz-se então necessário “(...) descobrir por que a humanidade, em vez de entrar em um estado verdadeiramente humano, está se afundando em uma nova espécie de barbárie” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p.11).

Os filósofos Frankfurtianos encontraram semelhanças do fascismo na indústria cultural em Hollywood. A indústria cultural para Adorno é algo planejado para o consumo das massas, ela é a racionalização dos meios de planejamento e a consequente padronização dos produtos através de técnicas de divulgação que visa manipular a intenção do consumo das pessoas. A indústria cultural não julga a qualidade da obra, mas a lucratividade dessa

obra no mercado. Nesse contexto, a música sofre um processo de transformação em que se percebe um novo significado.

Situada no horizonte geral da cultura de massa, a música demonstra um papel central, posto ser uma realidade diária e quase onipresente nos meios de comunicação, acompanhando, seja como pano de fundo, seja como atração principal, produtos do cinema, da televisão, do rádio. Ela consubstancia os princípios críticos de acomodação ideológica do indivíduo ao status quo, da mentalidade dominante de conformismo aos padrões sociais preestabelecidos (FRANÇA, 2017, p.12).

Precisamente a partir do século XX a indústria cultural foi determinante para a consolidação da música como um produto de mercado através de uma cultura de massa. A crítica de Adorno (2002) se faz presente radicalmente em todo seu pensamento em relação ao processo de desvalorização da música e suas consequências. Nesse sentido, Adorno (2002) revela que a música popular apresenta potencialmente características a padronização e está diretamente vinculada aos ditames de uma cultura de massa. Em consequência, a indústria cultural desaloja os indivíduos de suas capacidades interpretativas conduzindo-os os consumidores a receptividade de produtos padronizados.

Essa padronização dos produtos em toda cultura de massa é idêntica. Os controladores das indústrias geram uma linguagem simples para serem facilmente assimiladas. A repetição, naturaliza esses produtos criando um repertório de gestos estigmatizados para que possam ser reconhecidos pelos indivíduos familiarizados com esse produto de modo a tornarem-se objeto de consumo. Com isso, compreende-se que a indústria cultural na compreensão de análise de Adorno e Horkheimer, se inserem na lógica do modo de produção capitalista que na concepção dos autores ameaça a subjetividade e autonomia dos sujeitos em função do consumo dos bens culturais massificados.

Ela impede a formação de indivíduos autônomos, independentes, capazes de julgar e de decidir conscientemente. (...). Se as massas são injustamente difamadas do alto como tais, é também a própria indústria cultural que as transforma nas massas que ela depois despreza, e impede de atingir a emancipação, para qual os próprios homens estariam tão maduros quanto as forças produtivas da época o permitiriam (ADORNO, 2002, p. 295).

Podemos argumentar que a indústria cultural tem o poder de transformar os bens culturais em mercadoria, assim, a música passa a ser mais um produto que pode ser comercializado, não pelo seu valor estético, mas pelo fato de privilegiar o gosto das massas.

Nesta seara, não se evidencia a qualidade dos produtos que são oferecidos, mas, a resposta favorável do maior número de consumidores dispostos ao consumo dos bens culturais comercializados.

2.2 Relação entre Indústria Cultural e a produção musical atual.

Não obstante, os estudos de Adorno terem sido primeiramente escritos na primeira metade do século XX, e o contexto em que ele vivia se parece ingênuo comparado com os dias atuais, seu pensamento continua bastante vivo e mais abrangente que nunca, dada as consequências e os desdobramentos que a indústria cultural apresenta na contemporaneidade. Por isso tudo, o pensamento de Adorno em relação à indústria cultural se mostra perfeitamente atualizado e compatível para os dias de hoje.

Com vimos, os produtos culturais são sistematicamente fabricados em vista do consumo generalizado dos mesmos, impostos pela lógica do mercado. Isto acontece porque os meios de comunicação estão subjugados aos interesses ora pelo mercado ou pela própria demanda social. Com a eclosão da “internet” e o avanço das novas tecnologias, o modo como nos relacionamos com a arte mudou significativamente. Essa mudança se fez sentir em razão da velocidade da informação, distribuição e comercialização dos bens culturais potencializando seu processo de massificação.

Embora a revolução tecnológica trouxera novas experiências para os consumidores nos dias atuais, em que eles de alguma forma aparentemente se tornam protagonistas no processo de escolha daquilo que consomem, as novas tecnologias não excluem a ideologia presente na indústria cultural que se impõem através do poder do capital, remodelando os sujeitos a ajustarem sua sensibilidade a esses produtos culturais. Dessa forma, a experiência atual se alinha ao pensamento de Adorno pois, “(...) a produção industrial padronizada de artigos e destinados ao lazer, à diversão ou entretenimento correspondem ao controle que a indústria cultural exerce” (*In* FRANÇA, 2017 p. 11).

Percebe-se que dentro desse novo contexto, as crianças nos dias atuais se encontram muito mais susceptíveis e vulneráveis aos conteúdos midiáticos por ocasião do excesso de estímulos vinculados a propagandas de apelo ao consumo. Essas mensagens se mostram difusas mesclando-se conteúdos erotizantes vinculados a filmes, séries, comerciais, desenhos, músicas direcionadas ao público infantil. Considerando esses aspectos, a criança e o adolescente inspiradas pelo consumo, tendem a absorver os modelos e atitudes proporcionadas pela indústria cultural influenciando-os, em fase determinante de formação da sua personalidade.

A produção musical da música popular contemporânea tem cada vez mais sucumbido a uma expressão performática cada vez mais pornográfica. Segundo Schelb (2017, p 16), “O ato sexual é representado de maneira explícita através das danças coreografadas que tem por finalidade incitar o prazer genital”. É notório que as letras que compõem os gêneros pops sobretudo o funk¹, são em grande parte depreciativas e colocam a mulher em uma posição de objetificação, favorecendo uma pseudocultura que muitos acreditam que incentivam e legitima a cultura do estupro e da violência.

A criança exposta a este tipo de música segundo o autor citado anteriormente, será abusivamente induzida a um comportamento erótico precoce incompatível com sua idade, dada as circunstâncias de vulnerabilidade psicológica que se encontram. Na exposição e apreensão de conteúdos emocionais que se mostram invasivos na experiência cotidiana da vida da criança, delineia-se um processo de ruptura com a infância, assim percebemos que “(...) com o encurtamento da infância, muitos casos despertam na fase da adolescência um déficit na maturidade e em atitudes (...) pois quando deveriam ter vivido a infância foi-lhes cobrado outra postura” (CONRADO, 2012, p .42).

Neste ambiente de transformação social como estratégia, os anúncios de publicidade conseguem capturar com inteligência as demandas emocionais do desenvolvimento da criança e do adolescente. Em consequência, ambos tendem a absorver determinados valores que se fundem as expectativas do grupo social em que estão inseridos. Por conta da fase de desenvolvimento em que se encontram, a percepção do erótico é distorcida, o que consequentemente podem ocorrer futuramente sérios prejuízos psicológicos. Isso em grande parte se dá pela relação que a criança na modernidade estabelece com a mídia forjando sua visão de mundo.

O tempo que a criança passa assistindo à TV aparece como fundamental na influência do meio sobre a imaginação. (...) O risco de passividade cognitiva esteve sempre associado à audiência intensiva, de muitas horas por dia. (...) elas não devem ser abandonadas diante do computador como se este fosse a velha babá eletrônica, agora upgraded. Como forma cultural a internet precisa se inserir em um contexto rico em muitas outras formas culturais, para que a experiência imaginativa da criança seja mais plena possível (FANTIN; GIRARDELLO, 2012, p. 131).

¹ O Funk original é um gênero musical criado nos Estados Unidos nos anos 1960 a partir da mistura de vários gêneros musicais afro-americanos. O “funk” em tela nesta pesquisa tem relação com o gênero musical nascido nas comunidades cariocas conhecido como “funk carioca”. Entendemos que existam outros gêneros musicais que produzem conteúdos erotizantes, contudo, o “funk” nos chama a atenção por estar entrelaçado de forma mais incisiva com a realidade cultural da criança, através de músicas com nuances infantis adaptadas a esse gênero, com um vasto elenco de cantores MC mirins e adultos.

A indústria cultural tem concebido a criança como um potencial consumidor, pois manipula a cultura em prejuízo de um bem social. Assim, verifica-se que as demandas do mercado e os apelos desse público infantil, caminham juntos com um modelo de infância sustentado pelos ditames desta indústria. Entretanto, o ambiente social, cultural e histórico do século passado que havia ainda resquício de elementos tradicionais, impulsionava a indústria a comercialização de produtos culturais alinhados a uma mensagem de cunho educativo, sustentado a partir de contos, histórias, visando de alguma forma uma preocupação com a formação moral da criança.

No entanto, nos dias atuais tem-se massificado o gosto infantil interferindo na apreciação musical da criança desde cedo, fazendo com elas desenvolvam seu gosto musical a partir de elementos musicais descontextualizados de sua idade que não correspondem propriamente a linguagem infantil. Em razão disto, diante da produção cultural vivenciada pela criança nos dias atuais em consequência da interferência dos ditames da indústria que remodela a infância em favor do mercado, verifica-se nesse contexto diversos prejuízos. Se evidencia assim um processo de dessensibilização que afeta grande parte dos espectadores. Carlsson e Feilitzen (2000, p.67) sugerem que “(...) o ato de ver violência na mídia pode levar à dessensibilização emocional em relação a violência do mundo real e as suas vítimas, o que pode levar a atitudes insensíveis em relação à violência dirigida a outros”.

Frente a este problema, o processo de banalização da violência vivenciada na modernidade com auxílio da mídia, articula-se com um processo de banalização generalizado incluso o sexual. Atuando como um produto cultural de forte influência entre os jovens, o funk opera em muitas ocasiões para disseminar uma cultura simbólica de violência influenciando na construção da subjetividade infanto-juvenil. Partindo desta observação, o discurso recorrente de violência sexual que impregnada nesses gêneros, tende a contribuir para a construção de um contexto de banalização da violência sexual dirigida sobretudo as mulheres.

Schelb (2017) afirma que as crianças estão sendo expostas a um constante estímulo à erotização, intensificados por todos os meios culturais. O autor alerta para o fato de que crianças precocemente erotizadas podem constranger outros infantes do ponto de vista psicológico e fisicamente. A dessensibilização progressiva que afeta os indivíduos, provocada pela mídia, tendem paulatinamente a interferir na maneira de como a pessoa

percebe e interage com a realidade. Em determinados atos de violência, agem diante dele com indiferença.

Portanto, percebe-se que, uma das consequências a longo prazo da má utilização das novas tecnologias ocasionou uma mudança comportamental que incidiu na dinâmica das relações sociais e afetivas. A realidade social contemporânea se apresenta com um conjunto de complexidades que institucionaliza a precoce sexualidade infantil como algo natural. Em razão dessas transformações, as crianças são impulsionadas a sentirem-se cada vez mais cedo compelidas a consumir toda uma produção musical por vezes deficitária naquilo que se espera para seu desenvolvimento em vista de sua educação. Atraídas por uma música com conteúdo erotizantes, estão cada vez mais sujeitas a um processo de erotização precoce.

3 EDUCAÇÃO E O DESENVOLVIMENTO INFANTIL

A infância tal qual conhecemos é uma realidade nova que se apresenta recentemente na história da humanidade. Ariés (1981) aponta que em tempos passados a criança era considerada um adulto em miniatura, presenciava e experimenta o mundo ao seu redor sem restrições. Não havia barreiras morais que pudessem a rigor determinar os limites pelos quais ela não poderia ultrapassar. Seu papel na história, na arte e na cultura foi relativamente ignorado. Era assim, um ser quase sem importância, porém sua presença na vida social e familiar com o passar dos anos tende a reverter-se.

Houve um esforço na modernidade de ressignificar a infância tornando-a um momento diferenciado na vida humana. Figuras expressivas como Pestalozzi, Rousseau, Comenius, Montessori e o próprio empenho espiritual da Igreja na perspectiva de valorizar a família trouxeram para a infância um lugar novo. No Século XX ela adquire um status diferenciado, em razão das mudanças que se evidenciaram na ciência especialmente na pedagogia e psicologia. Há um consenso atualmente que a infância se constitui como uma das fases mais importantes e significativas da vida humana e deve ser preservada.

Para que possamos compreender o desenvolvimento da sexualidade infantil é preciso integrá-la ao desenvolvimento da criança como um todo, levando-se em conta seu amadurecimento emocional, biológico e social. O desenvolvimento integral da criança faz referência segundo Tierno (2014, p.27) “(...) ao crescimento harmonioso de todos os aspectos motores, cognitivos, psicológicos e da linguagem que ocorrem potencialmente nos primeiros anos de vida”. Todas essas funcionalidades devem estar alinhadas para que ela possa crescer e se desenvolver com segurança e felicidade. Levando-se em consideração o

que fora mencionado, convém compreender que o processo de descoberta e aprendizagem da criança e do adolescente em todas as dimensões se dá de forma natural e gradual obedecendo etapas singulares de seu desenvolvimento.

Para o autor, a relação da mãe com a criança guardará as primeiras impressões que marcaram significativamente sua capacidade amorosa. Pela aproximação física e mental direta com ela, a criança sentirá a sensação de segurança que precisa. O desenvolvimento afetivo e sexual dependerá a princípio dessa manifestação amorosa que ela terá com seu bebê desde a gestação, inicialmente pelo toque delicado no seu ventre que se observarão as respostas pelo movimento fetal. Para além de todos os benefícios do leite materno com já sabemos para a saúde física do bebê, o contato da mãe garantirá primordialmente a construção das relações afetivas iniciais para que, sobretudo ele, tenha assim um crescimento saudável em uma vida emocional equilibrada.

Nessa questão, a música se destaca como um componente importante que se alinha de forma positiva ao desenvolvimento da criança. Conrado (2012, p.58) classifica que “ (...) a música tem um histórico fundamental na primeira infância, aliás, desde que o bebê encontra-se na barriga da mãe ele pode sentir prazer ouvindo as canções que ela entoa”. Nesse contexto do desenvolvimento infantil a música expressa as expectativas emocionais da mãe como um elemento afetivo, que integra de forma amorosa o relacionamento entre ela e seu bebê.

Em relação ao desenvolvimento infantil Zimeman (2010) relembra que Freud possui um lugar de destaque ao ocupar-se dos ingredientes que compõem a psique humana na compreensão de seus mecanismos de funcionamento. Reconhecidamente, o estudo da psicanálise favorece positivamente a compressão da sexualidade humana durante a infância até os dias de hoje. Para a psicanálise, “ (...) a criança passa por etapas evolutivas que não são estanques e nem uma progressão absolutamente linear; antes elas se transformam, superpõem e interagem entre si” (ZIMEMAN, 2010, p. 92). Estes estágios assim chamados psicosssexuais de desenvolvimento são fundamentais para a estruturação da psique humana que formam sexualidade na vida adulta.

As fases psicosssexuais ocorrerem segundo Beni, Bommassar e Grossele (2004) porque a sexualidade ao longo dos anos evolui de acordo com etapas de nosso desenvolvimento. Portanto, a criança tende a expressar diferentes formas da sua sexualidade baseada fundamentalmente da idade em que se encontra. De início, o bebê se encontra na primeira fase psicosssexual chamada de fase oral, em que a boca é o foco da

gratificação libidinal. Sua necessidade básica a princípio é a fome na qual associa o ato da alimentação com a relação de prazer gerado pelo contato com ela.

Posteriormente segundo Zimeman (2010) por volta de um ano e meio a três anos vivemos a chamada fase anal. Esta fase se caracteriza pelo controle dos esfíncteres. Aos três anos aos seis com o término do período anterior surge o que Freud chama de fase fálica em que se evidencia nas crianças a descoberta e curiosidades pelo corpo, é a fase dos porquês, manifestando curiosidades através de perguntas de quase todo tipo de assunto. A fase de latência está localizada entre a fase fálica e a genital na adolescência. Ela ocorre entre os seis aos dez anos até a puberdade. Este é um período para a psicanálise que se classifica pela superação do Édipo e maior controle da frustração período que se manifestam o sentimento de vergonha e moralidade por conta da importância dada ao Ego e Superego.

A importância do conhecimento das fases psicosssexuais pelos pais, professores e cuidadores, reside no fato de reconhecer que às experiências vivenciadas na infância influenciam significativamente a vida adulta. O desenvolvimento da personalidade segundo os autores, obedece aos fatores de ordem biológicas, porém, inseridos na dinâmica da vida social nos quais se adequam e se transformam. Assim, na infância se estabelecem as primeiras estruturas da formação da personalidade. Compreender o desenvolvimento psíquico da criança é de certa forma protegê-la, garantindo sua integridade psicológica para que o adulto possa agir de forma mais assertiva, amorosa e educativa.

3.1 A precoce erotização infantil.

É fato que a criança é um ser em desenvolvimento e por isso em estágio de vulnerabilidade diante de determinadas situações constrangedoras. Por estarem em defasagem em relação ao adulto, não dispõem das habilidades psicológicas e cognitivas suficientes para terem um discernimento preciso em relação as suas atitudes e comportamentos. Sendo assim, algumas músicas com conteúdos adultos devem ser observadas por pais, cuidadores e professores com cuidado e precaução.

A criança pequena como afirma Schelb (2017) não consegue discernir e avaliar as más intenções de uma pessoa. A erotização segundo o autor é precoce, quando acontece fora da idade correta para esse estímulo. Ela é também precoce quando os conteúdos abordados estão fora da possibilidade de compressão natural decorrente da faixa etária em que se encontra. A abordagem sexual na criança de forma invasiva com temáticas que não

estão de acordo com seu estágio de desenvolvimento constitui-se segundo o autor, um ato de violência.

Dentre os produtos culturais fomentados pela indústria cultural, o Funk através de seus signos musicais, revela através semiótica o som do próprio ato sexual. A erotização não se restringe apenas as letras nesses gêneros, mas, se percebe através dos constitutivos musicais nela envolvidos. Há elementos que evocam êxtase e prazer orgásmico. É possível conjecturar a possibilidade desse tipo de produto musical, reproduzir em seus elementos sons do próprio acasalamento:

(...) the origins of music are the sounds are nature's: the sounds of joy as well as the sounds of pain that emanate from humans and animals alike in times of rout and sexual enticement. During rout, animals, frogs, silver, horses, lions and many others) scream and birds sing and tempt in extraordinary ways. The repetition of mating calls in timely intervals leads to rhythm and song. The repetition of the same sounds exhibits something highly suggestive and fascinating end thereby serves sexual attraction (DÖPP, 1989, p. 17).

Vê-se então que a música exerce um poder sobre o ser humano que não pode ser subestimado. Ela é composta por parâmetros que acompanham o homem em sua evolução. Sua influência se reflete de forma concreta como fenômeno físico, psicológico e social. Seus elementos constitutivos tais como o ritmo a melodia e harmonia induzem e encontram similaridades aos estados emocionais, fisiológicos, e mentais do ser humano. Segundo Sekeff (2007, p 75) “O estímulo musical mobiliza a atividade motora, particularmente em função do ritmo (...) a ação do ritmo se estende por nossa respiração, circulação, digestão, oxigenação, dinamismo nervoso”.

Percebemos que a linguagem dos sons e da linguística observada na música desempenha um fator de forte influência comunicativa, transmitindo valores, comportamentos e ideias. Compreendemos que a música possui características inerentes a percepção de seus parâmetros sonoros. Dado os argumentos anteriores esses parâmetros se comunicam independentemente de haver uma letra. No entanto, quando a letra faz parte da música seu significado se maximiza tornando capaz de reforçar seu conceito. “A palavra falada pode, através de notas, melodias, harmonias, ter seu sentido verbal intensificado, permitindo-nos atingir uma compreensão que extrapola a simples lógica” (HARNONCOURT, 1998, p. 23).

As letras que compõem as músicas do funk apontam para a desvalorização da mulher. Essas letras integram muitas vezes em seu discurso ato de violência sexual. O

discurso em defesa do funk, se sustenta a partir de que essas expressões culturais revelam o empoderamento feminino e são expressões genuinamente culturais de determinadas minorias que formam sua identidade. A batida cativante somada a uma letra extremamente sensualizada, no entanto, reforça a ideia da mulher como simples objeto sexual. Percebe-se que cada vez mais cedo atraídas por esse tipo de música, as adolescentes sentem-se compelidas a incorporar o arquétipo de um personagem cada vez mais sensual para sentir-se aceitas no meio social.

Na modernidade o sexo genital passa a ser supervalorizado como afirma Boff (2014). O autor ainda acrescenta que a liberação sexual resultou no rebaixamento da cultura. A erotização abriu as portas para o princípio do prazer que é a principal característica dentre outras da estrutura psíquica da criança. Seguindo este pensamento, a sociedade através de um expediente erótico que se expressam nos produtos culturais especialmente a música, tem elevado a sociedade cada vez mais a um processo de desumanização da sua sexualidade.

Conhecer o desenvolvimento psicológico da criança, é imprescindível para uma compreensão mais clara de sua sexualidade, para que se possa agir de forma mais positiva na mediação que se realiza com os pequenos, favorecendo um diálogo construtivo no propósito de passar uma mensagem enriquecedora sobre este tema, a fim de proteger sua infância e garantir que ela no futuro possa exercer com responsabilidade a condução de sua própria sexualidade. “O ser humano precisa ser educado para a convivência. Todo processo de aprendizagem supõe descentramento, tanto do ponto de vista de inteligência da afetividade e da moral” (ARANHA E MARTINS, 2008, p. 308).

Para que se possa compreender o processo da construção da identidade moral da criança, a contribuição de Piaget é fundamental. Beni, Bommassar e Grossele (2004) no entendimento de como o desenvolvimento moral da criança se estabelece através do meio social e é através dele que é possível apreciar os valores e princípios normativos como sendo justos, necessários ou negativos. No período conhecido como anomia, a criança desconhece qualquer tipo de norma social e não tem a capacidade de uma consciência a respeito das consequências de suas ações. Progressivamente ela tende a absorver as normas morais, necessárias para a convivência social, percebendo o que permitido ou aceito socialmente. Nesta fase heterônoma a criança começa a desenvolver a noção de dever e obediência, no entanto, sua autonomia só é alcançada quando superadas as fases anteriores para que possa exercer com autodeterminação e consciência os valores essenciais que garantem sua experiência de crescimento humano.

A criança é um ser em potencial de aprendizagem, por isso tende a absorver os conteúdos das músicas da atualidade com facilidade, porque seja pela cultura musical da família ou pela exposição aos veículos de comunicação de massa e na própria escola, ela adquire conhecimentos. Dessa forma, os ritmos, a performance dos cantores e as coreografias tornam-se extremamente cativantes para elas, pois subjaz seu universo lúdico cercado de brincadeiras. Assim sendo, essas novas aprendizagens se tornam parte integrante da formação das crianças naturalizando-se na percepção de muitos adultos, cuidadores e educadores como normais. “A família e os professores devem incentivar a criança a ser criança e desviar as tentações de estimular a antecipação de uma fase subsequente” (CONRADO, 2012, p.42).

No entanto, pelo fato de que as crianças aderirem aparentemente de forma voluntária ao consumo de uma produção cultural, musical desalinhada de sua perspectiva emocional, cognitiva e psicológica não descaracteriza o fato que elas estejam inseridas dentro de um contexto de abuso sexual. Ele se define como “(...) a participação de uma criança ou de um adolescente menor em atividades sexuais que não é capaz de compreender, são inapropriadas a sua idade e seu desenvolvimento psicosssexual, ocorrem por sedução ou força” (RIBEIRO, 1999, p. 52).

É característica da criança não separar realidade de fantasia, ela articula as experiências que absorve as suas próprias experiências. É preciso compreender que a criança possui uma sexualidade latente, ela se difere sobremaneira da realidade adulta. Referenciando as fases psicosssexuais a criança se desenvolverá naturalmente em direção a fase genital muito posteriormente. Dessa maneira, deve-se respeitar naturalmente cada fase de seu desenvolvimento evitando-se antecipar precocemente uma conduta sexual adulta. Devido a sua imaturidade, a criança não consegue assimilar com precisão as informações pelas quais são bombardeadas através da estimulação erotizada pela mídia de forma excessiva.

3.2 O que diz a lei.

A Assembleia Geral das Nações Unidas adotou em 1989 a convenção dos direitos da criança e do adolescente que foi o documento mais amplamente retificado em vários países que complementa a declaração dos direitos da criança de 1959. Este documento versa sobre a proteção integral desses sujeitos, em consonância com os princípios da carta das nações unidas que destacam a liberdade, justiça e a paz no mundo, fundamentada no reconhecimento da dignidade inalienável de toda a pessoa humana. Este documento reitera

que a infância tem direitos e assistência especiais, e estão convencidos de que a família se constitui como grupo fundamental da sociedade sendo o ambiente natural para o crescimento saudável da criança pela qual deve receber toda proteção.

Com efeito, a declaração universal dos direitos da criança² afirma que:

A criança gozará de proteção especial e disporá de oportunidade e serviços, a serem estabelecidos em lei por outros meios, de modo que possa desenvolver-se física, mental, moral, espiritual e socialmente de forma saudável e normal, assim como em condições de liberdade e dignidade. Ao promulgar leis com este fim, a consideração fundamental a que se atenderá será o interesse superior da criança (UNICEF, 1959).

Dessa forma, percebe-se o reconhecimento da condição especial da criança em vista do seu desenvolvimento de forma que atenda todas as suas demandas, respeitando sua condição de vulnerabilidade. O Brasil é um país signatário favorável aos documentos internacionais, seu ordenamento jurídico está em consonância com as iniciativas internacionais de proteção e segurança da criança. De acordo com o art. “5.º” do Estatuto da criança e do adolescente (lei n.8.069, de 13 de julho de 1990): considera que “Nenhuma criança ou adolescente será objeto de qualquer forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão, punido na forma da lei qualquer atentado, por ação ou omissão, aos seus direitos fundamentais” (BRASIL, 1990).

Em virtude da preservação da infância e da adolescência contra abuso de sua integridade, a convenção dos direitos da criança no art.19, parágrafo I esclarece:

Os Estados devem adotar todas as medidas legislativas, administrativas, sociais e educacionais apropriadas para proteger a criança contra todas as formas de violência física ou mental, ofensas ou abusos, negligência ou tratamento displicente, maus-tratos ou exploração, inclusive abuso sexual, enquanto a criança estiver sob a custódia dos pais, do tutor legal ou de qualquer outra pessoa responsável por ela (UNICEF 1990).

Shelb (2017) aponta que se tem observado através das músicas populares sobretudo o funk, uma crescente exploração dos corpos infantis através de coreografias sensualizantes. É fato que as letras do funk incitam o estupro banalizando o corpo da

² http://www.dhnet.org.br/direitos/sip/onu/c_a/lex41.htm

mulher. Nos chamados bailes funks é observável o contingente de jovens em idade inapropriada segundo a lei para este tipo de consumo.

A lei é clara a este respeito a Constituição Federal³ no art. 227 esclarece que,

É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão (BRASIL, 1989).

No inciso “4.º” afirma que a lei punirá severamente o abuso, a violência e a exploração sexual da criança e do adolescente.

Segundo o estatuto da criança e do adolescente (lei n.8.069, de 13 de julho de 1990) no Art. 240, nos alerta que: “produzir, reproduzir, dirigir, fotografar, filmar ou registrar, por qualquer meio, cena de sexo explícito ou pornográfica, envolvendo criança, ou adolescente: Pena – reclusão, de 4 (quatro) a 8 (oito) anos de prisão” (BRASIL, 1990).

O código penal brasileiro nos atributos que lhe confere determina que favorecer a prostituição ou outra forma de exploração sexual de criança ou adolescente ou de vulnerável é crime. No mesmo documento no Art. 218 - B menciona que,

Submeter, induzir ou atrair à prostituição, ou outra forma de exploração sexual alguém menor de 18 (dezoito) anos ou que, por enfermidade ou deficiência mental, não tem o necessário discernimento para a prática do ato, facilitá-la, impedir ou dificultar que a abandone sugere a pena de reclusão de 4 a 10 anos. Aplica-se também de modo a se obter vantagem econômica (BRASIL 2017).

É fato que o funk nas suas atribuições artísticas, mostra-se no âmbito da lei, incompatível com o universo da criança e do adolescente porque sem escusas, em seus parâmetros musicais, há sim explicitamente a referência a ato sexual nas letras e nas performances de seus artistas sem falar da apologia ao crime e uso de drogas. Ocorre que a partir destes argumentos, a pornografia se reveste de ludicidade mesclando-se ao cotidiano das crianças e adolescente até que esse comportamento seja naturalizado.

A sexualidade é um elemento presente na vida das crianças e adolescentes como em todo ser humano. Tendo em vista que a infância e a adolescência se caracterizam por ser uma fase especial no desenvolvimento, é preciso que seja dada à criança e ao adolescente a

³ http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm

oportunidade de experimentar suas vivências, práticas educativas e culturais de acordo com sua idade, respeitando sua integridade física, emocional e psicológica. Dessa forma, garantiremos o direito de ambas a terem uma vida feliz e harmoniosa na escola, na vida comunitária e na família.

3.3 PCNS - O que nos orientam os parâmetros curriculares.

Os parâmetros curriculares nacionais são um conjunto de documentos elaborados pelo MEC com a finalidade de subsidiar o trabalho docente. O propósito desse documento dentro outros é a rigor padronizar o ensino estabelecendo um referencial do mesmo no âmbito nacional, municipal e estadual. Os parâmetros curriculares têm como objetivo garantir que todos os alunos tenham acesso e possam usufruir de um conjunto de conhecimentos que favoreçam aprendizagens e o exercício da cidadania. Os PCNs não possuem caráter obrigatório, mas, podem ajudar os professores a direcionar o trabalho pedagógico com mais eficiência e qualidade.

Os PCNs contemplam uma série de cadernos com as mais variadas disciplinas. Nele, encontramos o tema da sexualidade que tem por finalidade, colocar em evidência a educação sexual no eixo das discussões no ambiente escolar. A escola por excelência é um espaço de construção de saberes e troca de experiências. A sexualidade como uma realidade humana está presente nos espaços escolares, no recreio, nas músicas, danças e brincadeiras, pois nela, as relações sociais se mostram como uma oportunidade de expressar a sexualidade de forma concreta.

Acredita-se que trazer a discussão da educação sexual para a escola, contribui para que os jovens e crianças tenham a oportunidade de refletir sobre esta temática tornando-se mais conscientes sobre sua sexualidade. Os pais, no entanto, receosos em admitir a possibilidade que as crianças tenham educação sexual na escola, pensam que ela possa estimular precocemente o interesse das crianças pela atividade sexual. É certo que a educação sexual tem recebido pouco interesse das políticas educacionais gestadas pelo MEC e relutam em incluí-la como temas transversais nas suas ações pedagógicas. Apesar da proposta e contribuição do PCN, não se percebe uma intervenção pedagógica concreta que viabilize de fato uma educação sexual emancipada e construtiva.

O esforço do PCN de orientação sexual é possibilitar uma valoração do tema, contribuindo para a formação do educando na perspectiva da sua sexualidade. Ao tratar sobre o assunto, busca-se considerar a sexualidade como uma dimensão inerente a pessoa humana, refletindo sobre o papel do homem e da mulher da criança e do adolescente,

refletindo sobre os principais problemas atuais que geram as formas de preconceitos e estereótipos. O PCN sustenta a importância de considerá-lo como componente transversal na escola. Integrá-la por meio da transversalidade, significa oportunizar que os objetivos propostos sejam contemplados pelas diversas áreas do conhecimento inclusive a educação musical.

Tenta-se por meio da educação sexual na escola, integrar as experiências vividas pelos alunos de modo que reconheça sua importância. Sua compressão, possibilita despertar a consciência de sua saúde e bem-estar, e reconhecer o respeito pelo outro na sua identidade. O trabalho sistemático da educação sexual possibilita a prevenção das doenças sexualmente transmissíveis de forma mais eficiente.

Devido ao tempo de permanência dos jovens na escola e às oportunidades de trocas, convívio social e relacionamentos amorosos, a escola não pode se omitir diante da relevância dessas questões, constituindo local privilegiado para a abordagem da prevenção às doenças sexualmente transmissíveis/AIDS (PCN, 1997, p. 78).

Apesar de todos os esforços bem-intencionados constantes nos PCNs em reconhecer a importância da educação sexual na escola, percebe-se que falta na sua essência uma compressão que favoreça a integração da mesma nas suas múltiplas possibilidades. O enfoque demasiado na ação preventiva, não obstante, dada sua importância, coloca a sexualidade em uma perspectiva exclusivamente biomédica. Por conta disso, indiretamente pode-se estimular através de uma visão reducionista, uma concepção fragmentada da sexualidade, perdendo de vista sua dimensão integrativa.

4 EDUCAÇÃO MUSICAL E A FORMAÇÃO DO OUVINTE.

Em um sentido amplo, a educação é um processo de apreensão dos valores, costumes e tradições de uma determinada sociedade que são transmitidos de geração em geração para que permaneçam vivos o conhecimento acumulado. A educação é exercida em todos os grupos sociais, nos ambientes formais e não formais. Em um sentido mais específico, ela é um processo contínuo de desenvolvimento potencializando o ser humano em todos os aspectos de sua vida emocional, intelectual, espiritual aprimorando através da aprendizagem suas habilidades pessoais em busca de sua transformação.

Por esta razão, a educação é indispensável para o progresso da vida social, “ (...) atentando simultaneamente para o fato de que somos um ser integrado e vivemos imersos num universo cultural que compreende múltiplos valores e diferentes visões de mundo”

(SEKEFF, p.127) a música como parte integrante da cultura, oferece possibilidade de compreensão da própria realidade humana. Dessa forma, ela constitui-se como parte integrante da manifestação cultural, emocional e criativa do ser humano. Para a criança, a educação musical se torna um fator verdadeiramente importante para seu desenvolvimento que não pode ser descartado.

Ilari (2013) defende que a educação musical da criança se inicia a partir de sua incursão no universo sonoro, vivenciadas primeiramente no ventre materno. A psicologia do desenvolvimento aponta que a vida intrauterina propicia a criança o início da experiência emocional e afetiva necessária ao seu desenvolvimento saudável. Assim, a música fazendo parte integrante da vida da criança pela qual deverá interagir com o mundo e desfrutar dele todos seus recursos sonoros, estará articulada ao seu desenvolvimento de forma integral.

A autora defende que a música se constitui como uma ferramenta que se alinha positivamente ao seu universo lúdico da criança, ela brinca, pula, se diverte inventa canções da mesma forma que brinca com seus brinquedos. Dessa forma, sua aprendizagem musical se dá de forma intuitiva, seguindo um princípio de liberdade onde tudo se expressa naturalmente. A música nesta fase estabelece vínculos afetivos importantes com a família que lhe permitirá criar um ambiente musical em que todos são beneficiados. Além disso, a escola exerce um papel importante na vida da criança pela qual irá poder construir os valores para a vida social através de vários saberes, e o musical é sem dúvida um deles.

Na contramão daquilo que favoreça uma educação musical de qualidade no âmbito escolar, nos dias atuais, percebemos que realmente a música através de um processo progressivo de desqualificação da arte vem colaborando para o desenvolvimento de ouvintes acríticos. “Temos como resultado em particular hoje com a invasão da tecnologia na escola, é uma possível limitação do educando a um neotecnicismo muito mais voltado às forças do mercado do que às pessoas e às comunidades” Sekeff (2007, p 128).

Vale lembrar que Silva (2011) ressalta que a educação musical não deve ser pensada desarticulada do ambiente social. O educador musical é um personagem importante neste processo de conscientização de uma educação sonora mais atenta e consciente, despertando a preocupação para a qualidade sonora no contexto em que se vive. A poluição sonora caracteriza nossa experiência sonora nos dias de hoje, e está precisamente alinhada ao repertório musical que as crianças escutam na escola e na família. O autor ressalta a importância de uma escuta inteligente e afirma que as questões relacionadas a poluição sonora perpassam a educação ambiental e musical.

A modernidade em razão do modo de produção capitalista em torno de suas consequências na vida social, tem alterado de maneira significativa a experiência com a música. Na perspectiva do pensamento de Adorno (2002) a música foi usurpada de seus valores para ser instrumentalizada pela produção industrial. Toda a produção musical é direcionada para a padronização em que se espera o reconhecimento de elementos musicais pré-determinados repetidos exaustivamente. Outro elemento característico da música no contexto da indústria cultural é o modismo. Devido à necessidade do consumo a música passa a ser um fetiche em que a mercadoria se impõe como algo necessário que não se pode negar.

Baseado nisto, a música *fetichizada* faz com que o consumidor adquira a ilusão de que o produto cultural seja algo além do que ele realmente representa. Revestida de toda uma produção, adquire uma aura artística artificial e falsificada. A audição da música *fetichizada* se caracteriza por uma audição segundo Adorno, regressiva em que a compreensão e apreciação em potencial da música fica sacrificada em razão do apelo ao consumo movido pelo entretenimento.

Essa observação nos leva a dizer que a indústria cultural contribui para o condicionamento de ouvintes acríticos, quando exerce seu poder ideológico uma vez que determina e conduz a necessidade de seus consumidores. Assim, a situação da criança em particular diante desse contexto é de vulnerabilidade na medida que é estimulada prematuramente ao consumo dos bens culturais tutelados pela indústria. O baixo custo das produções culturais implicou na desvalorização da qualidade da música. “As mudanças estruturais na economia interna dos bens culturais compeliram os objetos artísticos à esfera do utilitarismo total” (FRANÇA, 2017, p. 19).

Nessa perspectiva a diversão e entretenimento são exigências obrigatórias da indústria cultural constituindo-se um processo de adaptação do sujeito aos produtos culturais. A diversão passa a ocupar o núcleo central da experiência com a arte, dando a impressão que sem ela o indivíduo estabelece uma relação deficitária e descontextualizada com a realidade atual. No entanto, apesar de que, o prazer ser uma característica inerente a apreciação artística e a brincadeira é uma demanda natural do ser criança no contexto da indústria cultural ela é subvertida e manipulada aos interesses dos ditames do mercado.

A brincadeira é uma prerrogativa natural do ser criança. “Através das brincadeiras as representações simbólicas vão preparando a criança para o mundo” (CONRADO, 2012 p.44). É importante destacar que a criança aprende brincando e a brincadeira faz parte do seu mundo de fantasia. O fazer musical da criança é lúdico, prazeroso e criativo. A música

faz parte naturalmente de sua realidade e é importante que a escola a família e seus cuidadores garantem a ela o direito de desfrutar da música com prazer e alegria.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.

Em vista dos argumentos apresentados este trabalho buscou apresentar algumas considerações sobre a relação da música no meio social através do processo de erotização que atinge as crianças a partir do consumo de músicas com conteúdos eróticos. Vimos que a indústria cultural na sociedade moderna funciona como um campo de mediação pelo qual vem modificando progressivamente nossa relação com a arte de maneira significativa, condicionado a experiência do espectador para que se torne um potencial consumidor. Nesse sentido, as crianças nesse contexto são instrumentalizadas na perspectiva de uma erotização precoce para adentrar quanto antes no consumo de bens culturais descontextualizados de sua realidade infantil.

Dado o exposto, vimos ao longo desta pesquisa que a educação musical revela que a necessidade artística é uma condição natural do ser humano. Na criança se procede desde a vida intrauterina na qual estará envolvida ao longo de sua vida em um mundo repleto de sons. Convém lembrar que a infância se caracteriza por um momento de construção da personalidade, em que a sociedade exerce uma influência positiva ou negativa sobre ela na atribuição de valores, normas crenças que se formam. Os pais e professores devem buscar a todo custo uma compreensão clara e positiva da sexualidade para uma intervenção ética, construtiva e mais solidária, e não negligenciá-la, a fim de que as mídias ocupem o papel que lhes cabem, favorecendo uma perspectiva de uma concepção da sexualidade distorcida e genitalista.

Vimos que na contemporaneidade se arvora a banalização do sexo e a erotização precoce das crianças e adolescentes, que têm repercutido na ressignificação de infância. Alguns gêneros musicais têm contribuído para maximizar esse processo, trazendo em seus conteúdos gestos, símbolos que reforçam e estimulam a sensualidade em crianças e adolescentes. Por fim, concluímos que existe, no entanto, apesar de todo esse fenômeno, o esforço de preservar a infância por parte de muitos pais, educadores, cuidadores e autoridades, sendo uma responsabilidade que se estende a todos. A infância e adolescência correspondem a uma etapa singular do desenvolvimento humano, preservá-las, significa garantir que as novas gerações tenham a oportunidade de experimentar realmente a beleza que esta fase tão especial representa, garantindo uma vida verdadeiramente mais feliz.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. **Dialética do esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Tradução de Guido Antônio de Almeida. [S.l.]: J. Zahar, 1985.

ADORNO, Theodor. **Indústria cultural e sociedade**. 5. ed. São Paulo - Sp: Paz e Terra, 2002. Tradução: Juba Elisabeth Levy.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda; MARTIS, Maria Elena Pires. **Filosofando: introdução a filosofia**. 3. ed: São Pulo: Moderna, 2003.

ARIÈS, P. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1981

BENI, M. D.; BOMMASSAR, R.; GROSSELE, L. **Psicologia e Sociologia**: curso introdutório. 2ª. ed. São Paulo: Paulus, 2004.

BOFF, C. **O livro do sentido**: crise e busca de sentido hoje. 1ª. ed. São Paulo: Paulus, 2014

BRASIL. **Código penal**. Decreto 2.848/1947 Brasília. DF, 2017.

BRASIL. Lei Federal n. 8069, de 13 de julho de 1990. ECA _ **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Brasília 1990.

BRASIL. **Constituição Federal** de 1988. Promulgada em 5 de outubro de 1988. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm

CARLSSON, Ulla; VON FEILITZEN, Cecilia (Orgs.). **A criança e a violência na mídia**. 2. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2000.

CONRADO, Regina Mara de Oliveira. **Preservando a infância para um mundo melhor**: A arte de educar e a importância dos cuidados necessários na vida infantil. São Paulo: Paulus, 2012. 133 p.

DÖPP, H. J. **Music and Eros**. Vietnam: [s.n.], 1989.

FANTIN, Monica; GIRARDELLO, Gilka. **Liga, Roda, Clica**: Estudos em mídia, cultura e infância. São Paulo: Papirus Editora, 2012.

FRANÇA, Fabiano. **Música e Indústria Cultural**: entre o popular e o erudito. Rio de Janeiro: Gramma, 2017.

HARNONCOURT, Nikolaus. **O Discurso dos Sons**: Caminhos para uma nova compreensão musical. 5. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 19985.

ILARI, B. **Música na Infância e na Adolescência**: um livro para pais, professores e aficionados. 1ª. ed. Curitiba: Intersaberes, 2013.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO. **Parâmetros curriculares Nacionais**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

RIBEIRO, Marcos. (Org.). **O prazer e o pensar**: Orientação sexual para educadores e profissionais de saúde. 2. ed. São Paulo: Editora Gente, 1999. (Vol. 2)

SCHAFER, R. Murray. **A afinação do mundo**. 2. ed. São Paulo: Unesp, 1997.

SCHELB, G. **Orientação sobre sexualidade infantil: limites e desafios**. 1ª. ed. Rio de Janeiro: Central Gospel, 2017.

SEKEFF, Maria de Lurdes. **Da música: Seus usos e recursos**. 2. ed. São Paulo: Unesp, 2007. 189 p.

SILVA, Marco Aurélio A. da. **Imagens sonoras do ambiente: interface entre ensino de música e educação ambiental**. 3. ed. Rio de Janeiro: 2011.

TIERNO, B. **A psicologia da criança e seu desenvolvimento: de 0 a 8 anos**. 4ª. ed. São Paulo: Paulus, 2014

UNICEF. **Declaração Universal dos Direitos da Criança**. Disponível em http://www.dhnet.org.br/direitos/sip/onu/c_a/lex41.htm

ZIMEMAM, Davi E. **Fundamentos Psicanalíticos: Teoria, técnica e clínica, uma abordagem didática**. 2. ed. São Paulo: Artmed, 2010.